

Poemas

Poemas de Maconge

04/02/2019

Valério Guerra



Índice

73 Anos.....	8
A Ceia é do Lago.....	9
Ceia, Espelho Meu.....	10
A Ceia Macongina.....	11
A Goteira Sul do Meu Chafariz.....	12
A Velha Questão, Deixou de Ser?.....	13
A Vida São Dois Dias.....	14
Ao Ser Macongino.....	15
Às Vezes é Verão no Inverno.....	16
Bambu.....	17
Bênção do Vinho.....	19
Bênção do Vinho - Serei Breve como Fósforo.....	20
Bênção do Vinho - Ut Bencium ó Mostos Tintos.....	21
Com Toda a Cagança.....	22
Como Mamoeiro.....	23
Como Nenhuma Ave.....	24
Como Romã Madura.....	25
Companheiro.....	26
Companheiros.....	27
Conheci, Ainda Moço.....	28
Vinhos em Maconge.....	29
Dom Acácio Meireles da Cruz - Zé Ninguém.....	30
Dom Necas.....	31
Dom Caio.....	32
Dom Pipo.....	33
Dom Verâneo Jorge.....	34

Vitor Leal de Almeida	35
Das Breves Horas de uma Ceia	36
De Maconge Falo.....	37
De Tudo o que Esqueci.....	38
De uma Pipa de Tinto.....	39
Depois das Ceias	40
Desabaços Meus	41
Desejos do Soba.....	42
Digamos Mamoeiro	43
Digo e Redigo	44
Digo eu	45
Digo Macongino.....	46
Disseram-me os Fundadores	47
Do Tempo de Estudante.....	48
Dos Transparentes	49
E com Toda a Malícia	50
E é Isto, Maconginos.....	51
É o Quê?	52
Em Maconge	54
Em Maconge 2.....	55
Em Maconge 3	56
Em Maconge 4.....	57
Em Nossa Vida.....	58
Embora o Mundo Seja	59
Epístola a um Filho do Bambu do Liceu	60
Era uma Vez um Rio.....	61
Esta é a Minha Versão	62
Estando Distraidamente a Congeminar	63
Em 1939	64

Quando Maconge Começou	65
Era um grupo barulhento	66
O Começo de Maconge	67
Outros Tempos, Outra Vontade.....	68
Para Paz de um Vulcão	69
Sonhos Meus, Pedacos Nossos	70
Falemos e não Apenas por Falar	71
Falemos Então	72
O Bambu	74
Certa vez	75
Praxes	76
Presidentes da Academia 1	77
Presidentes da Academia 2.....	78
Finalmente	79
Viva a Academia!	80
Passaram Meses de Anos e Anos	81
Dom Fernando Morgado	82
Sempre que te Ouço.....	83
Sempre Que Te Ouço 2.....	84
Ao Fernando Morgado e ao Carlos Cristina	85
Ao Carlos Painho e ao Henrique Sá Cabral	85
Germano.....	86
Honório Fragata	87
Honório Fragata 2.....	88
José Joelson Leite Figueira	89
D. Joelson, Querido Companheiro.....	90
Um Nome: Joelson	91
Naquele dia.....	92
Saudades	93

Chegou aos campos	94
Há Quem se Comova.....	96
Incentivo para a Ceia.....	97
Lá Vou Encontrando.....	98
Luas de Maconge	99
Lubango Terra de Maconge.....	100
Maconge	101
Maconge 2.....	102
Maconge 3.....	103
Maconge Diz-se	104
Maconge é de todos	105
Maconge é Eterno.....	106
Maconge é dos Reinos Loucos.....	107
Maconge é Sonho... é Vida	108
Maconge é Tudo.....	109
Maconge é um Equador	110
Maconge é um Rio	111
Maconge é uma parte de mim.....	112
Maconge é uma Promessa.....	113
Maconge, Maconge	114
Maconge, Porquê	115
Maconginos.....	116
Mas Que se Passa?	117
Muita, Muita Chuva	118
Na Manhã Seguinte	119
Não Chove, não há Vento	120
Não ir a uma Ceia	121
Não me Calo!.....	122
Não te rales Maconge	123

No Olhar das Maconginas	124
Num dia Soturno	125
Num Encontro Macongino	126
Numa Ceia de Maconge.....	127
Nunca era um Sítio	128
O Bambu, Majestático e Sideral.....	129
O que Faço	130
O que já Disse	131
O tempo Passa	132
Obrigado D. Caio e D. Inês	133
Oh Quantos Ventos Quantas Águas.....	134
Ok, Criaram o Sol!.....	135
Olho-vos e não Vejo Rostos	136
Ontem, na Ceia.....	137
Ouve Companheiro	138
Parte um Macongino	139
Planalto e Distâncias.....	140
Posso Dizer que és Grande	141
Preclaros Colegas	142
Primeiro Viró-vira.....	143
Quando às Vezes.....	144
Que me Serve ser Macongino	145
Quero Maconge	146
Regressar, Regressar	147
Rimos Para Chorar.....	148
Se eu Pudesse	149
Se Maconge se Enraíza	150
Se Morreu o Bambu	151
Se sou Macongino?	152

Ser Macongino.....	153
Ser Macongino 2.....	154
Sonho, Lenda e Fantasia!.....	155
Suporto Tudo.....	156
Três Coisas há na Vida	157
Um Dia	158
Um Dia com o Soba	159
Uma Vez por Outra	160
Uma Ocasão.....	161
Único e Imperfeito	162
Vai Haver Ceia	163
De Profundo Sonho	164
Em Maconge o Mandamento.....	165
D. Olavo - O Bom.....	166
Dói, Claro que Dói	167
O que Dói é o que não Dói.....	168
Maconginos e maconginas.....	169
Liberdade	170
Tenho três Rios.....	171
Crónica da Gesta Macongina.....	173
Site do Reino Maconge.....	175
Não Tenho Justificação Válida	176
Vasco Homem	177
Gostaria de ter ficado até ao fim	178
Uns, de um Promontório.....	179
Vendo Bem.....	180
Venham Todos	181
Vieram Todos os Animais Terrestres	182
Vinde Sedentos.....	183

Vou a Maconge.....	184
Vou a Maconge, e o que Encontro?.....	185
O que Posso Dizer dos Idos Anos 39	186

73 Anos

Aconteceu Maconge
e de entre áleas de jacarandás
raparigas de sol, em tafetás
belas como as mais belas de hoje
acnavam aos rapazes
e diziam piropos
sim , audazes piropos
diziam aos rapazes
e depois que isto aconteceu
loucas e apaixonadas
ficaram luas pelas escadas
do famoso Liceu
e hoje ainda se dobra
o céu ao esplendor
de uma serenata de amor
... hoje ainda... é obra!

A Ceia é do Lago

A Ceia é, do lago,
o lugar onde o sol penetra
mais fundo,
é arco e afago
da brilhante seta
que nos devolve mundo.

Ceia, Espelho Meu.

Vejo-me aqui
e a milhares de léguas
vivendo o que vivi
envolto em tréguas

vejo-me aqui
murmúrio sem costura
de destinos que percorri
com fogos de alvura

vejo-me aqui
como vos vejo
eu renasci
por vosso ensejo.

A Ceia Macongina

A Ceia Macongina
não é simples jantar.
É ideia peregrina
que ao nos juntar
um Reino de Lenda
fundou e engrandeceu.

Para que se a entenda
e se não diga desapareceu
devemos ser tradicionais
com fado e rapsódias,
e assumirmo-nos joviais
reescrevendo paródias.

Este Espírito de Maconge
revigora-se em cada jantar,
não com conversas de monge
mas com alegria de reinar.

Cumpramos o destino,
que ao coração faz falta
sentir-se menino.

Viva a Malta!

A Goteira Sul do Meu Chafariz

Inquietaram-me as águas
com um convite:
-"Vamos baptizar um bambu,
filho do Bambu!"

Lá fui, palmilhando asfalto,
remexendo malas de porão,
agitando sombras pousadas
em quindas de então:
duendes que o corpo traz
de águas passadas.

Uma dúzia de nostálgicos,
penso eu. Não era o repasto,
mas aquele Filho do Liceu
que lá nos levava, o rasto
indelével da juventude,
que aquela planta regeu.

Foi assim, que águas antigas,
de fontes das minhas manhãs,
voltaram em gotas aspergidas
na bênção, ao molhar os tantãs,
esses órgãos que nos traem
quando as saudades nos saem.

Voltei à Serra do meu vento
e revi as folhinhas da raiz
onde busco forças e alento
à goteira sul do meu chafariz.

A Velha Questão, Deixou de Ser?

A velha questão, deixou de ser?

- O que são os maconginos?

- Uns crescidos meninos
que se juntam para beber!

Mas alguém diz:

que um grupo de rapazes
a saudade juntou
e foram tão audazes
que um Reino se fundou?

que esse Sonho lindo
num mundo se transformou
e onde a alma indo
menino outra vez sou?;

que essa Lenda
o que tem de saudade
se esbate na senda
da Amizade?;

que a Fantasia
- a eviterna meninice
é uma ousadia
e não credence?

Mas alguém diz:

que a beleza de Maconge
é o oposto da desigualdade
e que as mãos ainda hoje
são desejo de Fraternidade?...

Esse alguém que o não diz
... esse alguém
é certamente ninguém!

A Vida São Dois Dias

A vida são dois dias,
diz o ditado,
e dias não são dias;

vem a este lado,

à Ceia de Maconge,
estar com a malta
e jogar para longe
a sombra pernalta

Ao Ser Macongino

Ao ser macongino
sou órbita de um Reino
a face de um Hino
a juventude que reino!

Às Vezes é Verão no Inverno

Às vezes é verão no inverno
e o rumor dos abrunhos purifica o ar
às vezes uma voz é a voz
que habita de sol vogais
com nuvens de sangue
às vezes a palavra ainda se não ouviu
e já a mente rodou àquele instante

foi a voz
o poema
a desatarem silêncios das entranhas
a atear as águas do peito

às vezes uma guitarra e um violão
soltam corais do fundo da alma
e ouvimo-los respirar do fundo do cosmos
às vezes o vento aquieta-se
e procura regaços
alguém dedilhando um fado
dá sentido a mil pedaços
faz-nos ternos pecadores

às vezes oh às vezes
vindo a nascente casta
é preciso ouvir as raízes

chorar não nos afasta
de sermos felizes

e foi o que me aconteceu
em noite de fados e de Liceu.

Bambu

Não sei donde veio
tão majestoso pé
que feroso interveio
ousadamente na fé
e na religiosidade
ao vento nas cambraias,
ao mistério da verdade
alcandorado entre as saias
que lá no primeiro andar
engalanavam o Liceu
ousando, oh benditas, mostrar
sílabas do dom que Deus lhes deu.

Não sei se já trazia
intenção ou aconteceu
guindar a academia
a Olimpo... e teceu
a mais bela camaradagem
entre doutores e caloiros
- bestas cheias de coragem
verdadeiros toiros.

Oh, Bambu, Bambu
o que seria eu
sem o Reino que tu
dominaste no Liceu!

As praxes, as batinas
as violas de acabo
o desespero das rimas
pela luz de um caso.

Por mais que te cante
Bambu, Bambu
se fui estudante
foi porque tu

me contaste glórias
algumas ambições
e um par de estórias
de loucos corações

mas, valendo por tudo
foi com o Levante
o ponto em que mudo
pra vida de estudante

com a estória da fogaça
rebutando no céu nu
estrala e passa
menos tu, Bambu, Bambu!

Bênção do Vinho

Ó grande
ó irreprimível vertigem
ó nervo do lume
ó deuses do Olimpo
é Baco que convoco

benze este salutífero sumo
cujos frutos foram macerados
por pés calejados e cheios de artroses

e já a noite ia alta quando então
o mosto se juntou às vozes
e os homens se deram em grande pifão

o que nos confere desde a Roma antiga
que a pureza da fermentação das castas
vai à cabeça primeiro que à barriga
e é universal por palácios e tascas

benze Baco
este sumo do teu génio
e se eu tiver de ficar um caco
que o seja por um milénio

por Baco
e por mim
e por outros de carmim
benzido está até que enfim!

Bênção do Vinho – Serei Breve como Fósforo

Serei breve como o fósforo
que ateia a acendalha
por uns olhos do Mar da Palha
ou por umas pernas do Bósforo!

Este vinho é de cepa formosa,
alegre, brincalhona,
que abre os sentidos à ditosa
vontade... de azeitona,

e de pão e de queijo
e ao brinde entre amigos
e àquele desejo
da dança de umbigos,

por isso bebei, bebei,
meus queridos e minhas queridas,
porque das voltas do mundo sei
que assim começam muitas vidas

Bênção do Vinho – Ut Bencium ó Mostos Tintos

Ut bencium ó mostos tintos
que nascestes para enfeitiçar
em nevoeiros de luar
as Rosinhas e os Jacintos

cumpri a vossa parte
que eu cumpro a minha
de esconjurar a aguinha
e de ser fiel à nobre arte

de beber depois do primeiro
outro copo e por aí adiante
viva luz puro diamante
ó vinho glorioso e festivaleiro

sê espaço e sonho entre paredes
maduras vinhas alegres adegas
tu que a água renegas
mata-nos a solidão das sedes

e dá-nos da seiva tinta
uma mija branca com pinta!

Com Toda a Cagança

Com toda a cagança
de macongingo irreverente
este é o Mundo, ó minha gente
de nossa alma criança.

Cumpra-se a praxe:
que ninguém se agache!

Ginga Malaia!
Viva Maconge!

Como Mamoeiro

Como mamoeiro
a defender os frutos
macongino companheiro
sejamos astutos

hoje ainda é ontem
e ontem é amanhã
e os dias que contem
a frescura da romã.

Como Nenhuma Ave

Como nenhuma ave
Maconge vai por alturas
onde nada há que o trave

nem velhice
nem vidas duras
nem a temida patetice.

Como Romã Madura

Como romã madura
Maconge, bago a bago
envolve-nos em afago
e deixa uma abertura

por onde o sol entra convencido
que o rumor da manhã é seu
e não das escadas do Liceu
onde o Reino foi erguido

onde a Fraternidade espreita
e o futuro é um marçano
com ordens de não engano
nessa luz estreita.

Companheiro

Companheiro
numa Ceia

Maconge acontece
sempre que vens
com as ideias que tens
e a malta agradece

sem ti o que existe
é um fio de quimera
e o que subsiste
é o amargo quem dera

por isso vem
traz lembranças
traz outros também
voltemos a crianças!

Companheiros

Companheiros
a ordem é discreta:
ou somos os primeiros
ou muda-se a meta.

D. Caio voava
em elegante parafuso
e quem não acreditava
viró-vira ao intruso,

solene e com garra,
até o cujo empatar o pré
na mais aveludada parra
da melhor água-pé.

Conheci, Ainda Moço

Conheci, ainda moço,
uns sóis de Maconge,
num oásis, daqui bem longe,
quando peso a mais era osso.

Um, era Rei,
um imbondeiro enorme
cuja flor se consome
onde haja da sua grei;

o outro, seria confrade,
se fosse caso disso
e não régio feitiço
de companheiro sem idade;

foi Vice-Rei, Majestoso,
e deixou-nos o legado
do reino por todo o lado
ser rio augusto e saudoso.

Agora, o Segundo
Vice-Rei, por obra e graça,
não interessa, é da praça,
abriu-nos o Mundo:

Maconge não é Sul nem Norte,
e se o reinado é contestável,
ainda bem, é louvável,
da diferença nasce a sorte,

e neste que temos,
saibamos os outros louvar,
como rios que vão dar ao mar,
o mar de onde bebemos,

saibamos, por Maconge,
fazer o que nos lisonje

Vinhos em Maconge

Creiam companheiros
há vinhos de uns lugares
com gosto a outros lugares
e a frutos romanceiros

há vinhos com luar
e ventos serranos
com alegrias daqueles anos
de rios a desbragar

há vinhos para brindar
o náutico céu dos olhos dela
e à bolina querê-la em capela
de sol amor e mar

há vinhos com a ternura
e a surpresa do primeiro beijo
e de fogo se com pão e queijo
acompanham uma aventura

mas só os encontramos
em Maconge e nas Ceias
onde a febril doçura das veias
se revela nos ramos.

Dom Acácio Meireles da Cruz - Zé Ninguém,
Duque de Vouga-Gare, Fundador do Reino,
Conselheiro de Estado Emérito.

Não sei se foram as capas
os fados e as guitarradas
se o tropeço nos ventos
das canelas dos rapazes
ou as fragâncias serranas
nos cabelos das raparigas
em noites ensolaradas
por fogo de espigas
se o visgo das diabruras
no ocre do Liceu
o que sei pelos astros
é que neste fogo de palha húmida
Maconge nasceu
e a fonte começou
a ser rio inquieto
rio dilecto que gerou
um Delta de Amizade
que anda por aí tão presente
e é rumor do que não existe
quase por luas afroditas
onde vês o que nunca viste
de veredas infinitas
não, não sei o que foi
mas os deuses têm-me dito
que está na pele de cada um
por mim sei a doçura de ser
remoinho por nele viver.

Dom Necas

Dizer que te agradeço,
é pouco;
que muito te agradeço,
é muito pouco!

Então direi:
obrigado querido amigo
pelo que dizer não sei
como te tenho comigo.

Dom Caio
Lenda, Sonho, Fantasia e Fraternidade

Uma vez, para os lados de Maconge,
havia Ceia, capas negras e vozes de cristal.
Era daqueles sábados de cheiro
a mirangolo e pão torrado.
Os meus lábios não mais tiveram igual.

A noite luzia nos pássaros
(ou eram estrelas?) que por lá andavam:
pousavam... pairavam... gesticulavam,
pareciam abelhas... mas a rainha era Rei.

Nunca tinha visto um Rei,
e àquele, os astros rendiam-se:
no seu reino cabe o universo
mais a imaginação que dele fazemos.

Soube mais tarde, quando já só às amoras
podia falar desse Rei: por isso me não calo!

Falo da voz com adolescente dentro,
do abraço com mar incluso,
do bigode com a piada fresca e pronta...

ah, se fizéssemos da sua paixão uso
e seguíssemos a sua predilecta conta,

era-nos mais fácil entender
por que Maconge é obra-prima
de universo sem deve nem haver
e Parte Incerta se estima.

Dom Pipo

Na cela da vida foste herói.
Nas planuras do além algo mais serás.
Depois do que cavalgaste "cowboy",
melhores montadas decerto terás.

Quanto a nós, meu amigo,
uma estrela se foi, e outra brilha
no silêncio que não levaste contigo:
a amizade que nos ficou de quilha!

Imparável
neste mundo imperfeito,
era a árvore do teu jeito,

e inigualável
neste mundo cão
era o teu abraço irmão.

Adeus D. João Simões,
Marquês da Montipa, «Velho» Companheiro.
Maconge definha na Terra e engrandece-se no Além.
Cumpre a ironia do Berço.

GINGA MALAIA

Dom Verâneo Jorge

Por certo viste,
D. Verâneo,
da dor, o sucedâneo,
quando partiste;

de entre as tuas gentes,
como a dor emaranhou
lianas e brotou
- e fomos valentes;

e queremos continuar
rochas valentes, Amigo
- contamos contigo,
não nos deixes vacilar,

e que campos de lírios
e céus reluzentes
sejam sementes
dos teus martírios.

Vitor Leal de Almeida

As telhas
vão secar as telhas
e os mangais não vão acordar
e eu já não vou levar nas orelhas
nem saberei mais mil cores do mar

e a chuva
vai ser seca a chuva
e os mamoeiros vão-se recusar
e não terei outra chuva
com tanto riso a bolinar

e a mocidade
vai secar a minha mocidade
enquanto os céus se rejuvenescem
e eu não mais verei à claridade
a manta dos fios que se esquecem.

3 de Outubro de 2013

Das Breves Horas de uma Ceia

Das breves horas de uma Ceia,
o que resta... oh! o que resta,
é toda a força de uma ideia
de carinho que se empresta:

toma lá o meu
cadinho de comoção,
dá cá o teu
para cúmulo de atenção,

e que gota a gota, sem que acabe,
Maconge de gloriosa veia
junta bago a bago ao que sabe
ser Amizade uma colmeia;

assim... que nos reste
nas searas dos amanhãs
coração que desembeste
por manhãs e manhãs.

De Maconge Falo

De Maconge falo
dessa malta fandanga
com a mais preciosa banga
e o mais lustre embalo

dessa malta curiosa
capaz de morder o céu
e de inventar um escarcéu
para memória preciosa

e as aves sabem disto
e os rios deliram
e as montanhas inspiram
o sonho imprevisto

que só Maconge atinge
e a sua malta campeia
esse sonho que incendeia
quanto menos se finge.

De Tudo o que Esqueci

De tudo o que esqueci
e de tudo o que lembro
das nuvens não desci
e de mais não sou membro

trago as escadas
e o Liceu e as serenatas
como roupas lavadas
por mil cataratas

limpinhas
luzidias
húmus de saudades minhas
e força dos meus dias

e nos bolsos trago sons
como antes trazia ginguba
e das asas destes dons
nada me derruba.

De uma Pipa de Tinto

De uma pipa de tinto
espalhou-se veloz
a novidade e a voz
do Império Quinto

de lá longe
de um canto arborizado
estendeu-se ramificado
o Reino de Maconge

e assim o chão
outro sono não tem tido
senão o fado sentido
por capa e violão

e as gentes
outra lua não conhecem
nem a outro sol se oferecem
senão a maconginas sementes.

Depois das Ceias

Depois das Ceias
dizem-me coisas belas,
agradecem-me
e eu agradeço.

São amplas janelas
essas em que apareço
ao centro delas.
Não mereço, não mereço.

Muito e Muito Obrigado.

Agora, pensem assim:
se não tivessem vindo,
se não fossem jardim
de belas flores remindo

e sóis de alacridade,
na Ceia não teria havido
um Hino à Amizade,

o cantinho onde refloresceu
a Igualdade e o sentido
que D. Caio nos deu!

Desabafos Meus

Não se é Maconge
roendo e moendo
nem se vai longe
ofendido e ofendendo.

O que lá vai, lá vai
e o que está é que conta
senão, não se sai do ai
nem se acrescenta algo de monta.

Pelo contrário:
baralha-se a Amizade
o abecedário
a Fraternidade

e a Lata, Lábria e Linha
de agreste definha!

Desejos do Soba

Gostaria de saber
para sossego da alma
um modo simples de dizer
como o vosso rosto me acalma.

Como é bom ter-vos aqui
e poder olhar pedaços
de um chão onde vivi
nos vossos abraços.

Gostaria de amar
com a intensidade de um mar
e o coração fosse caderno

de pedra onde registasse
o vosso olhar fraterno
para que a lua se calasse!

Digamos Mamoeiro

Digamos mamoeiro
e o fruto mirrado
que lhe apareceu num janeiro
de um mês desorientado

e maconginemos
um rio esgotado
onde lhe joguemos
o nosso passado:

vão saltitar
cheios de ondas e gorjeios
e pratos de luar
de maconginos veios.

Foi o que se passou
com o Caculuvar:
o mundo fecundou
e os céus estão a aguardar!

Digo e Redigo

Digo e redigo
e ando há anos nisto
Maconge, bem visto
é um Reino Mendigo

porque é Reino de Lenda
de ogres e gigantones
e de companheiros insones
espalhados pela senda

e Reino de Fantasia
que nos leva a transpor
a materialização da dor
em nuvens de alegria

e porque só um mendigo
tem a ousadia de converter
nada de nada haver
em abrigo.

Digo eu

Digo eu,
que sou analfabeto
para homem da rádio:

há muito mabeco
com rabujem de sábio,

e que

está de ingratos
o mundo a abarrotar,
como de macacos
o nariz ao espirrar.

É claro que MACONGE
não é para qualquer um,
e está, muito, muito longe,
para um nenhum!

Digo Macongino

Digo macongino
como terra ressequida
diz chuva

se empapa
abre valas
e reverdeja

como música na floresta
a chamar ao caminho
a alma que resta

como um mestre
fala de rosas
ou de aroma silvestre.

Disseram-me os Fundadores

Disseram-me os Fundadores
- ainda eu não havia nascido -,
que Maconge fora ungido
para ser a flor das flores.

A flor das flores?, disse eu
aos gambuzinos, incrédulo e estupefacto.
Como e onde firmaram tal pacto
por estes áridos campos do Liceu?!

“Ahhhh”, respondem-me sorrindo,
já com voz de amizades curtidas
em alguma da soma de noites vividas
na fonte das violas..., aos céus subindo,

e pelo relinchar das crinas dos caloiros
e das bestas na biblioteca do Bambu,
a aprenderem da Academia o á-é-i-ó-u
para não fungarem nos vivos duradoiros.

Ah, como aqueles ventos de ateneu
me desesperaram por nascer,
e por em Maconge me socorrer
do mais belo poema que se escreveu:

Viva a Malta de Maconge,
Viva a Malta sempre fixe
Quem não pensa como nós
Que se mate ou que se lixe, lixe, lixe.

Do Tempo de Estudante

Do tempo de estudante
e de carícias de anjos
ouviremos arranjos
de um baile elegante

e das tardes desse canto
as verdes áleas da avenida
e o polir da esquina preferida
chegarão em névoa e manto

e entre ais um instante
uma sombra à janela
a migalha é a mais bela
fortuna de um amante.

Dos Transparentes

Dos transparentes
vidros do viró-vira inicial
brotaram nascentes
deste Reino sem igual.

Viva o Rei D. Caio
pela sedução da malta
ao paradigma que exalta
o febril vento de catraio.

E com Toda a Malícia

Ao milho verde
se lhe chega a formiga
ele afoga-se de sede

ó malta amiga

vá para cima
o que está em baixo

ai rica prima, rica prima, rica prima
oh!! rico tacho, rico tacho, rico tacho

Ginga Malaia
Ginga Malaia

E é Isto, Maconginos

E é isto, Maconginos,
se o mar nos não separa
e a Ceia nos ampara,
sejamos destinos,

tenhamos a virtude
da revolução constante
com a nota edificante
de que rode e não mude,

sim, ó maconginos,
caminhemos a velhice
torneando a chatice
e continuemos meninos.

É o Quê?

Esta consumição
que experimento depois
dos encontros maconginos
que me aperta o estômago
e dilacera o coração
é o quê?

Essa lágrima
que começa à chegada
com a alegria do reencontro
desenfreada e apertada
e à despedida rebenta de pronto
e esgatanha pelo esófago acima
é o quê?

Esse mar de sal
que banha meus olhos
se escapa pelo corpo
e gesticulando muito
o espanto
fica preso na garganta
qual dó ferido de canto
é o quê?

Esta cabeça a latejar
que o sorriso forçado
não consegue amenizar
e por fim esgotado
já não dá para disfarçar
é o quê?

Se já chorei
o que tinha a chorar
se jurei
daí em diante senão amar
é o quê afinal
este quê que me deixa tão mal?

Será saudade?
Infortúnio do abandono?
Será lamechas a amizade
e rio de lágrimas o meu trono?

Porque será que afinal
sem esse quê passo tão mal?

Em Maconge

Seguem as mãos as palavras
e o olhar chama a distância
de um tempo onde vento davas
ao tempo de importância;

reúnem-se desenhos nos braços
de águas a mover destinos
e a cor dos dias aos pedaços
dos paus de vida cretinos;

surge então o falatório
de dá e toma e remexe
e ao Olimpo sem directório
sobe-se e não se desce.

Em Maconge 2

Somos áleas de verão
com asas de trópico
e coração incendiado
por ideal nada utópico

somos corpo iluminado
pela filtragem da lua
e de alma de sol
com mantos de água nua

somos terra sobre mar
e mar sobre céus
e somos pó a luz de pó
de alianças tornadas véus

somos todos os nomes
de estrelas sem entono
e perenes manhãs
de nomes sem sono

somos o fenomenal
vento sideral
na seiva de Maconge
Viva Maconge!

Em Maconge 3

Aqui sou mais eu
raiz de um planalto
ave que aconteceu
para voar alto

mais abelha
de irmandade
transparente telha
de amizade

mais leve
nos pensamentos
embora vinho breve
de momentos

e a irreverência e a graça
da alma de estudante
a força que se abraça
semelhante.

Em Maconge 4

Volto à fonte dos tempos
às águas livres, à tona
aos livros, aos quedes de lona
e a rolos de contratempos

mas foram os dias felizes
e não as contrariedades
que deixaram verdades
nas minhas matrizes

e algumas em Maconge estão
na lábia, linha e lata
na Amizade que ata
a Solidariedade à razão

de viver a Fraternidade
como se todos da mesma idade!

Em Nossa Vida

Em nossa vida
há pedras e luz
e águas de despedida

e há Maconge, o recanto
de vidro saudável
entre dores e pranto
e ar irrespirável

onde se não usa
de centro o umbigo
e se não recusa
o ombro a um amigo

onde não há frio
e o calor, de ameno
é o mais forte e macio
abraço terreno.

Embora o Mundo Seja

Embora o mundo seja
bola que rode
num azul que troveja
e se sacode

sem o tição macongino
noite seria
e a cor do destino
dia não teria.

**Epístola a um Filho do Bambu do Liceu
baptizado pelo "Cardial" D. Adrega em
casa de D. Vítor Leal, Marquês do Calumbiro**

Olha, Bambu,
a cor do céu não é a mesma,
é mais cara de lesma,
eu diria... cara de cu,

como também a água,
não é tão cristalina,
nem consegue uma simples rima
entre belunga e frágua,

e a terra... essa então,
dá traques e estoiros,
mal a mal, alguns toiros,
não tem garra de leão.

É o que temos
para te acomodar a raiz
e, anda lá, para nos vermos
na outra terra (como quem diz),
dá um ar daquela graça,

entranha-te... rebenta
e mostra como não passa
a quem à tua sombra se senta

a garra de uma gente
que reina jovem para sempre!

Era uma Vez um Rio

Era uma vez um rio
alegre folião camarada
um rio compincha
de margens claras e leais
que encontrou uma árvore
de ramos belos e estudiosos
frondosa e cintilante
de uma seiva irreverente
e alguma casca cabulona

e assim nasceu de ambos
uma história surreal
não como o ouro dos Gambos
mas como a aurora boreal

e do meio do pátio
e das nervuras do Bambu
um Reino não nasceu lácteo
nem para vinhas de sururu

e eis Maconge e os astros
e a Igualdade em nós
e com infinda alma de castros
exaltemos sempre a voz

Ginga Malaia

Esta é a Minha Versão

Esta é a minha versão:
o dia foi de trovoada
e a noite não era de feição
e a malta chateada

deu um pulo ao botequim
e ali mesmo uns quantos
juraram pôr fim
a desnortes e desencantos

e rapando na travessa
já só o cheiro do estufado
fizeram altissonante promessa
de República e Reino por atacado

levarem o mais longe
que a gesta humana atice
e assim nasceu Maconge
dos ventos da cabulice.

Estando Distraidamente a Congeminar

Estando distraidamente a congeminar
sobre o mundo e outras coisas tais,
percebi que nem no brilhante mar
há a verde força de olhares joviais.

Não me surpreendeu,
e o mar bem me entende!
Desde os tempos do Liceu
que de Maconge o mundo depende:

ora estão os ventos descontraídos
e as marés queixosas e indefinidas,
ora os peixes, por andarem suados,
descascam rosas amarelecidas,

e, ora por isto ou por algum porém,
os vírus atacam em demasia,
mas sendo Maconge quem os detém,
o Reino brilha de turbulenta acalmia.

Em 1939

Em 1939
por nossos olhos a terra respirava
as árvores lingüarejavam
o verde dos imponentes nichos
os animais falavam
a harmonia de não serem bichos
a vida cheirava à origem
própria da fonte virgem
mas às noites faltava a inclinação
dos astros para a reinação
e aí na magia do Liceu
o fraterno Maonge apareceu
e o Reino foi ao sol buscar
a chuva que faltava moldar.

Quando Maconge Começou

Quando Maconge começou
andavam andorinhas nos pastos
e hipopótamos a voar
e a ordem estava de rastos

os céus eram desordenados
as estrelas olhar caído
as nuvens dentes estragados
os ventos riso fingido

e Maconge ordenou o viveiro
pôs água nos rios e nos lagos
e luz onde houver um companheiro
e nas Ceias o mar de afagos.

Era um grupo barulhento

Era um grupo barulhento
que em modos graciosos
festejava décadas de revicamento
com tintos mantos poderosos

e de vez em vez
seguindo a ordem estabelecida
que o Filinto fez
vinha o vira-ó-vira da vida

e o Efe-erre-á garboso
a plenos pulmões irreverentes
oh! mar mar não há mar alteroso
que abafe maconginas gentes

e o povo comentava
que eram deuses certamente
pois a luz que ali cirandava
era de cosmo mui diferente.

O Começo de Maconge

O caso começou,
talvez a uma mesa,
quando alguém se lembrou
para grata e geral surpresa,
que haveríamos de reinar
e um hino nosso cantar.

Logo, logo se emaranharam
em profundos pensamentos
e a ordem congeminaram
para terras, oceanos e ventos:
um Reino de Fantasia,
Republicano por ironia;

Majestades e Nobres,
Clero e Plebe,
e a Magnífica Academia
sem a qual nada se percebe:
sem Lata, Lábria e Linha,
não há serenata à vizinha

e, sem serenata,
sem a paixão no sono da rua,
não há as capas que Maconge ata
de delícias de uvas e pólenes de lua,
não há lume de manhãs ou ardor,
nem tardes noites de valor.

Outros Tempos, Outra Vontade

Outros tempos, outra vontade:

D. Caio elevava o sobrolho ao universo
e as gargantas sequiosas da comunidade
logo entoavam o verso

«Filinto Elísio,
da velha França...»,
e era um prazer ver um cometa alísio
encher copos de “vibrança”.

E lá vinha a onda de encanto
do «Primeiro camarada ó-vira-ó-vira...»
até ao último, o de manto,
virar de borco a celeste estira.

A régia vontade fora cumprida,
a plebe ficava satisfeita,
não há melhor destino na vida
do que a macongina maleita.

Para Paz de um Vulcão

Para paz de um vulcão
com peito de lua cheia
e voz que semeia
fez-se a revolução

de livrar as noites da apatia
e de aos dias selar a chama
de um Reino que se proclama
e em Maconge nascia

e D. Caio Rei ficou
do Universo que herdou.

Sonhos Meus, Pedacos Nossos

Então, Caio, Rei dos Maconginos, disse:

«Eu sou tu e tu és eu!

Brindemos, Companheiros, ao Liceu
e à distintíssima cabulice!»

E, tomando o gesto à ordem,
levantado, ergueu a taça de tinto fulgente
e disse: «Mesmo aos cães que nos mordem,
brindemos para que saibam da Brava Gente!»

Feito o brinde, logo em eco, a um Cavaleiro
ou a outro nobre, já me não lembro,
se bradou o forte Efe-erre-á do cancionero,
e fomos Maconge em um e só um membro.

Isto aconteceu num simples repasto,
como simples é a lua que se pede,
havendo malta reunida não há tempo gasto,
é sempre de Liceu e por isso se não mede.

Falemos e não Apenas por Falar

Falemos e não apenas por falar
das mãos de luz em cada Ceia
e das faces de luar e mar
e das origens da lua de lua e meia

e dos caminhos da utopia
falemos com garras de águia
fazendo das noites dia
e do viró-vira saudade sábia

e o que for dito
luz à luz dará
e um dia escrito será
quanto o sol é pequenito

e Maconge seu eixo
geracional
e isso aqui vos deixo
por paixão e meu sinal.

Falemos Então

Falemos então
de tempos imemoriais
e da desorganização
das cavernas sem quintais

não havia Maconge

e falemos depois
de lutas sangrentas
e de carros de bois
por picadas lamacentas

não havia Maconge

e falemos a seguir
de algum progresso
e de kimbandas a pedir
congresso

ah, já havia Maconge

e falemos ainda
que nesse entretanto
há a capa negra, linda
e o fado por encanto

porque havia Maconge

e falemos agora
de electrónica e de espaço
e do tempo que se demora
para novo abraço

porque há Maconge

e falemos do futuro
dessa etérea dimensão
onde estaremos, eu juro
em nova manifestação

para sempre Maconge

e ao falarmos dessa distância
da invenção desse longe
nada há com a importância
da vida em Maconge

Viva Maconge!

O Bambu

Bambus e mais bambus
que haja mundo fora
soleníssimo será nenhum
como onde a Academia mora

e Academia não haverá
majestática e bela
como a da imponente Chela

nem de Presidentes constará
virtuosa fama em anais...
nunca... jamais!

Certa vez

Certa vez, andava eu
mais ou menos sorumbático,
quando da "Toca" do Liceu
ouvi um "Ei!" majestático:

era o Presidente da Academia,
de nobre porte... a rigor
- vinha dizer se não queria
ter por alma aquela cor.

Capa e batina?!
Maconge e serenatas?!
Mas quem não quer de sina
as linhas, lábias e latas,

de uma capa a esvoaçar
com um estudante a reinar?!

Praxes

Sempre rindo,
era essa a nossa função
de rapazes extraindo
rumos da vastidão

brincávamos no arame
entre riso de begónias
e seriíssimo estame
revitalizando colónias

de caloiros e doutores
em irreverente Bambu
de capas negras e sonhadores
num fôlego mutuamente nu.

Presidentes da Academia 1

Cavaleiros de uma tábola de Bambu
foram nós, e nós com eles, gratamente
reservadores de um tempo virgem e cru
para cais de negras capas audazmente.

Irreverentes sob um sol de comodismo
fomos por eles e com eles o que faltava
-- pronunciamento guitarreado e sismo
nas salinas da irreverência que se bastava.

Fomos eles e eles por nós um todo
ventos de alvor insubmisso
Cavaleiros não apenas com denodo.

Talvez a Academia seja compromisso
e companheirismo se entenda
quanto real, quanto lenda.

Presidentes da Academia 2

Com lata, lábia e linha,
o meu discurso vem preitear,
da malta sonsinha,
os que foram Presidentes a reinar.

Naquele tempo o Mukufi corria
à voz troante de uns quantos
Presidentes da Academia,
e sob os seus negros mantos

cresceu a irmandade
para um Reino também eterno,
este agora, de augusta mocidade,
entre honoris cábula e moderno.

Enfim, sejamos francos,
destas cepas de uva tinta
não se soube de juízos mancos
nem de praxes sem grande pinta,

nem de arco-íris ou jeitosa flor
"malmente" cobiçada,
como não houve mau cantor
nem serenata não afamada,

e a vós, Presidentes,
se deve este reboliço,
de tinto e capa serem sementes,
e de Maconge não haver sumiço.

Finalmente
VISCONDES os Presidentes

Não o direi condignamente!
Ainda me sabe a pouco:
não chegou verdadeiramente
a verdade ao meu ouvido mouco.

Mas tenho esperança
de ouvir uns gaios
com fortíssima cagança
reunirem ilustres raios
e decretarem a mudança.

Ai tenho, tenho!
Não faz o homem o engenho?

Viva a Academia!
Hurra aos Presidentes!

Hoje acontece
o encaracolar de nuvens de prata
e o desfolhar de refúgios de negras capas;

estrelas seduzidas
pela Sebenta do Bambu
subirão do chão da lenda
ao universo do tempo
com a naturalidade do nascer do sol.

Diremos hurras
e efe...erre...ás
e ginga malaias...

Ginga malaia diremos
com a têmpera da Primavera:
ao ocaso não deixaremos
a Academia que nos gera.

De serenatas nunca ausentes
e de fraternidade por guia

Hurra aos Presidentes!
Viva a Academia!

Passaram Meses de Anos e Anos

Passaram meses de anos e anos
sem que ponta de ti soubesse
e de repente os desenganos
desfazem-se e a alma aquece

e há um nome para a foz
e para os rios que lá vão dar
e para o eu transformado em nós
e para o superlativo de ímpar

e é aqui que quero chegar
dizendo alto o que não foi dito
Maconge para além do cear
e do rito pelo rito

e daquele mundo liceal
e daquela corrente de abraços
que criou de ventos sem igual
o laço dos laços

é o sol gravitacional
de uma Academia triunfal.

Dom Fernando Morgado,
Trovador do Reino, Conselheiro de Estado

Dêem-me um rouxinol
um mar matinal
calmo e embalador
ou um mar entardecido
pelos cílios do astro
a chamar a luz da noite
e ouvi-lo-ei cantar
ouvi-lo-ei
como só a alma ouve
a água nua
a terra semeada
a luz das palavras

dêem-me um horizonte
um miradouro uma escarpa
uma planície ao vento
um pomar por colher
e ouvi-lo-ei cantar
ouvi-lo-ei
como só a alma ouve
a árvore podada
por murmúrio de estrelas
o chilreio das pedras
a gaguez da solidão
as reticências do sono

dêem-me dêem-me
e ouvi-lo-ei cantar
oh o universo
ouvirei pulsar!

Sempre que te Ouço,

Fernando Morgado

Seca-se a boca
em verde palha
porque me toca
a alma e calha

sentir as escadas
o rosa do Liceu
em noites cantadas
onde a lua adormeceu

afagada na capa
e a voz que oiço
as águas destapa
do meu baloiço

a Serra do meu gemer
a Terra do meu Ser!

Sempre Que Te Ouço 2

A verdade, Fernando,
das sílabas ao luar,
é que...

Fico dualizado
ao ouvir-te cantar:
o corpo num lado;
a alma noutro lugar!

E tu bem vês,
que também vais,
pelas fontes que crês
no eco dos teus ais

e somos os dois:
tu a encantar
e eu a rememorar;

renovados depois
do alor das guitarras,
alegres cigarras.

**Ao Fernando Morgado e ao Carlos Cristina
Ao Carlos Painho e ao Henrique Sá Cabral**

Três baladas
três sonhos em céu estrelado
cantadas com voz de dentro
dos recônditos do espanto

e veio a saudade em flor
e vieram olhos apaixonados
e o que a guitarra deu de dor
deu-nos a voz deslumbrados

oh quantos verdes anos
em minutos se passaram
e as marés ali ao trigo
e os beijos que voltaram

três baladas e a azul vidraça
por osmose e em desvelo
sabem o que na alma se passa
vencem neves e sincelo.

Germano

Bem disseste que cacos
com o visgo da amizade
se tornariam factos
de luminosidade.

Bem disseste!
E eu ouvi por ouvir,
até que fizeste
a névoa se abrir:

cantaste e cantaste
e todos nós cantámos
e ventos e ventos chamaste
e em suas asas embarcámos

e fomos... e fomos,
em uníssono, em alegria,
pela foz onde somos
rio e mar sempre dia.

Obrigado
meu amigo reencontrado.

Honório Fragata

Prémio dos Direitos Humanos
em Cabo Verde

Eu que quase não sei de preocupações
e tenho sofás e cama para descansar
e à mesa as travessas não servem ilusões
e os dias levo-os a vê-los passar

à tua sombra vivo a grandeza do leão
e voo como a águia por te conhecer os olhos
e por dizeres ser teu amigo e teu irmão
olhos tristes são os meus livres de escolhos

porque a dádiva começa onde estás
as águas sobem montanhas se chamares
a dor em te enlouquecendo nada dirás
o amor vai por ti a todos os lugares

oh meu irmão fatigado fico eu por te ver
chama abraço mar de ouvidos e alento
sempre alvorada sempre dor a receber
eviterno seja o teu momento.

Dezembro 2013

Honório Fragata 2

Entre areias e ninguém,
sílabas de pedras e abandono,
um rio de sal dorido
quebrou gelo e é verão.

Foi a vez de a voz crescer
um corpo entre as ervas,
e um corpo de voz em volta
é o avesso de almas servas,

e por rasgar o ventre à tarde
das pedras da indiferença,
já na boca o sal não arde,
já o astro não tem pertença,

e começa assim um mar,
em vindo um rio de mastigados
braços insubmissos ordenar
a macerada ilusão de sitiados.

José Joelson Leite Figueira

Conheço-te Zé Tó
desde os desenhos da escola
quando os carros eram popós
e os cadernos iam na sacola

e havia bulhas de piões
e por figurinhas de colecção
e reguadas aos montões
dos erros na redacção

e do liceu... e depois
de tropelias e namoradas
quando batucámos os dois
novas sendas apaixonadas

ora voando
ora almas sem comando
mas sempre Maconge
sempre Maconge.

D. Joelson, Querido Companheiro

Com os campos verdes
as árvores a florir
e o sol nas paredes
resolveste partir

talvez para o Quipungo
a arengar o povo
que nos ensinou a cantar
quando a dor é choro covo
de mar e mar... muito mar

mas eu não consigo
ter a flor desse gostar
nem esse mar em desabrigo
tenho forças para cerrar

mas sei de teu nervo
áureo e torrentuoso
e do tesouro que és no acervo
de Maconge saudoso!

Um Nome: Joelson

Um nome vem um dia
no amanhecer dos astros
com rumor de rouxinóis
no orvalho dos madrigais

e será então um rosto
um olhar umas mãos
a cheirarem a madressilva

ou a esteva

a ligar palavras e acenos
em sentimentos terrenos
sem fim que os escreva

e será uma chuva agraciada
desvendada em nós
um cio de estações
cruzado por nós

um grito um galope uma garra
a chuva de uma viola
que já nos não consola.

Naquele dia

Naquele dia
a perspectiva era as compras
a ida ao mercado
umas risadas com os netos
dedilhar talvez um novo fado
quando as fontes da noite
chegassem ao largo da fonte
com o olor do orvalho aceso
pela cintura das estrelas
na placenta do horizonte

e não pelas folhas da noite
entrar em seu brumoso seio
como criança no recreio

e por lá dormir
nos fenos germinados em estrelinha
por tempos que nada nos convinha
aceitar

porque coisas assim
como as mãos das manhãs
pelas couves dos quintais
já ele não verá em Chão de Maças
por humanos vitrais

e os juncos da noite
estéreis se tornarão
sem os acordes do violão.

Saudades

Saudades?!

Quem não fala em saudades
quando seca
um rio de humor
e os canaviais murcham
sem o violão amador
que agora peca
por só acordar os deuses

quando já não luxam
as cordas o ardor do estribilho
e não há como murmurar
com maçãs de brilho
aquela voz de mar

e muito menos basta
o fogo do refrão
e a luminosidade da casta
da sua canção?!

Chegou aos campos

Chegou aos campos
a floração de uma estrela.

Foi então que os animais
sentiram na renovação do ar
o fascínio de um príncipe:

os mares daquela face
com o sol do sul nos braços
tinham a universalidade
do pão para a fome
e de protecção à tempestade.

Aí perceberam,
quando dos céus se desprenderam
na hora da cremação,
chuva e vento,

que chuva e vento
não eram cachos de água fria
nem vidro cortante
de um rosto que se extinguiu,
nem nome quebrado nas pedras do destino,

mas estandartes de alegria:

as cinzas,
levadas pelo levante
das capas negras de estudante,
polinizavam sem demora
corolas de eviterna hora,

e nova ilha se formava
com saudade no olhar
e nome com rumor de luar,

e nas áleas da canção do adeus
deram-se as mãos para chorar
e as vozes deram-se a eternizar.

Joelson nos Olivais, 29/03/2010

Há Quem se Comova

Há quem se comova
com a letra do Hino
e não se demova
de ser paladino

da malta gloriosa
desse lado diamantino
que da Huíla é prosa

e queira partir macongino.

Incentivo para a Ceia

Se achas bem faltar,
eu não acho!
Que diacho,
são lá horas de amuar!

Pega nas imbambas,
deixa-te de frescuras,
corre a estas bandas,
goza estas alturas

que a vida são dois dias
e uma longa noite.
Deixa-te de manias
ou levas um açoite.

Lá Vou Encontrando

Lá vou encontrando
aqui e além o meu labor:
páginas onde rabiscando
vou sendo autor
de sílabas mastigando
ideias sem valor.

E é assim que esta aparece
lá dos confins da anhara
onde o leão adormece
e a preguiça se mascara.

Luas de Maconge

Falemos então
das aves santas,
imberbes e outras não,
que abraçaram às tantas

o Reino mais tudo:
controverso e seu reverso,
isto e aquilo,
e contudo,
maior que o Nilo,
que o Universo

- chega ao além e passará
se algo mais houver.

(Um aparte:
o mundo estudante
não é um qualquer,
é um toque de arte
entre livros e guitarra
homem e mulher!)

E em Maconge eu te digo
que muito erramos
quando abdicamos
da União e Lealdade, meu amigo.

Mas esse é o segredo:
fomos feitos para errar,
para à alma sonegar
a paz de amar sem medo!

Lubango Terra de Maconge

Uma história encantada?!

Talvez sim!

Talvez não!

Uma cidade predestinada?!

Creio que sim!

Por toda a razão!

A Chela encostou aos céus
um planalto de alma pujante
e o Lubango vencendo incréus
fez-se raiz edificante:

cidade de estudo,
prodígio de cata-ventos
e voz de um mudo
partilhar de sentimentos;

fez-se bandeira
e terra de harmonia
de uma Nação inteira
-- e fá-lo com ousadia

Maconge

Maconge é Reino de Lenda.
Cada contador sua narração.
Burro velho não tem emenda.
Quem o vive doura a tesão.

Por essa subi a parvo:
os elogios comovem
fico abelha em favo
as palavras chovem.

É uma sensação esquisita:
há camaleões em toda a parte,
mudam de cor a cada visita.
Inteligentes chamam-lhe arte.

Tenho medo de inteligente.
Camaleão é gente?

Maconge 2

Ama-se ou nem por isso
acredita-se ou vilipendia-se
realidade ou feitiço
chore-se ou ria-se

não há meio termo
senão o esquecimento
e isolado num ermo
- e ainda assim, de alimento

alguém aparecerá
com as escadas do Liceu
e a realidade subjugar-se-á
à galhardia desse eu

conjunto
aglutinante
esse ouro de assunto
tempo de estudante.

Maconge 3

Maconge
este palmo de luz
por onde o olhar se alonga
infindo e se reproduz
este fogo de mungu e mutiáti
em forno de pão
a transformar memórias
em abraços de irmão
este de rio de acções
cujo som entra na alma
como mel a saciar a fome
e em igualdade se espalma
esta luz que é água
e esta água que são ventos
e estes ventos que pecam
por serem curtos os momentos
é um cosmo de alegria
uma comunhão de pombos bravos
uma espiral que nos guia
a sermos livres sendo seus escravos.

Maconge Diz-se

Maconge diz-se
com boca de água-mel
e transparência na pele
e assim se capriche.

Maconge é de todos

Maconge é de todos
e não é de ninguém,
é de rios e de pássaros
e de quem nos quer bem!

O resto, meus amigos,
são ranhos incontidos.

Maconge é Eterno

Maconge é eterno
e em cada dia que passa
mais se faz moderno
e mais graça tem sua graça

e isto é tão certo
como o sol nas vinhas
ser o doce encoberto
das risadinhas

e pensar o contrário
é uma intoxicação
de teorema sem corolário
e de Bambu sem elevação.

Maconge é dos Reinos Loucos

Maconge é dos Reinos loucos
e se mais não digo
sobre o espírito de uns poucos
que quero e persigo

é porque me falta o ar e o verão
com que eles diziam Éfe-Érre-Á
e o timbre e a forte emoção
para dizer «Amigo, anda cá»

hoje é dia em que tu e eu
perdidos ou mais que isso
de saudades do Liceu
assamos um chouriço

e chamamos um vizinho
marcado pelos mesmos pós
e pelo mesmo luar de ninho
e de serenatas de vivos nós.

Maconge é Sonho... é Vida

Não sei esconder
a brisa radiante
que me torneou o ser
no tempo de estudante,

não me sei dizer
sem essa combustão
que é reviver e reviver
o Liceu Diogo Cão,

não sei viver
ausente da fatalidade
de em Maconge renascer:
tal o sonho é realidade
e a fantasia aurora
e as noites rebuçados
onde a juventude mora
reencarnada em fados

e rapsódias,
onde de quem se ausenta
se perfilam paródias,
e onde se canta e sustenta

em cada Ceia parida
como Maconge é sonho... é vida!

Maconge é Tudo

Ao feitiço da negra capa,
o da natureza fica a perder,
e a ambos ninguém escapa.
O que estou aqui a fazer?

Então, estou a viver o quê, aqui,
que não tenha noutro lado?!
Que Orixá há por aqui,
que noutro lugar me seja negado?!

Se a lua é igual em toda a parte,
o que tem Maconge ao luar,
que as árvores recordam obras de arte
e as sombras são silêncios a deslumbrar?!

Se em Maconge tenho o que me falta,
então nada falta a tudo o que tenho,
e, se mais ardente o espírito da malta,
mais longínquo é o que desdenho.

Ora, sem nada de profundo,
respondo-vos ao que estou aqui a fazer:
a engrandecer o meu mundo
neste outro que é meu perder!

Maconge é tudo
e ainda tem tudo para ser!

Maconge é um Equador

Maconge é um equador
de paixão que lisonjeia,
e o elixir do vigor
é a Ceia!

Maconge é um Rio

Maconge é um rio
que toma águas de abraços
a seda de um fio
tecido em cúmulos de laços

um horizonte
de Igualdade admirável
uma fonte
de Saudade saudável

uma vida perene
de Academia
uma guitarra que nos geme
a Capa dia após dia.

Maconge é uma parte de mim

Maconge é uma parte de mim,
a outra, a muitas coisas pertence,
mas mesmo assim
não é a que vence.

Maconge..., meus amigos,
tem o cheiro da selva virgem
e a adrenalina dos perigos
resolvidos a espanto e vertigem,

é um local em viagem
que leva os cenários consigo,
daí a jubilosa camaradagem
e o esplêndido porto de abrigo,

e é em nós aquela parte
que conhece a sua própria bênção,
a que nos dá do azul a arte
para que os nossos desejos vençam.

Maconge é uma Promessa

Maconge não é
um modo meio carola
de extravasar o que se é
com ou sem álcool na tola:

é Fraternidade,
um patamar de elevação
na Solidariedade,
com sua razão
na Amizade.

É uma causa complexa,
nada fácil com certeza,
porém uma promessa
com sua beleza.

Maconge, Maconge

Maconge, Maconge,
se fosses mar
que eu pudesse navegar

ou ter na mão
opaco ou cristalino
ou de lã merino

às ondinhas brancas
e as pudesse afagar
- talvez cantar,

seria mais fácil
dizer da Fantasia,
do Sonho,
em pleno dia,

dos azuis que vê
quem acredita na Lenda
e nada tem de prebenda!

Maconge, Porquê

Maconge porquê
dizem-me com insistência
e eu, água de inocência
respondo: «Mas não nos vê

lua de eternidade
pasmada sobre os ombros
e por sobre os escombros
da realidade

lua insuspeita
de terras e mares
e de imaginados lugares
de fraternidade eleita

lua... fonte
de luz de quimera
que céus e céus gera
para que lhe aponte

que se não nos vê
pergunte-se porquê!».

Maconginos

São áleas de verão
com asas de trópico
e coração incendiado
por ideal nada utópico

são corpo iluminado
pela filtragem da lua
e de alma de sol
com mantos de água nua

são terra sobre mar
e mar sobre céus
e são pó a luz de pó
de alianças tornadas véus

são todos os nomes
de estrelas sem entono
e perenes manhãs
de nomes sem sono

são o fenomenal
vento sideral
na seiva de Maconge
Viva Maconge!

Mas Que se Passa?

Mas que se passa?
Que fogo é este?
Que fogo é este
tão forte e sem fumaça

em risos e olhares
de álamos fraternos
sobre caminhos eternos
de terras e mares?

Sabei!
São caminhos de grei!

Este mar de vozes
que derrete neve,
à Academia se deve
e à sua sebenta de poses,

e esta nata da nata,
febril não se esconde,
por Maconge responde,
e os ideais dilata.

Muita, Muita Chuva

Muita, muita chuva
em Ceia macongina
de bâtegas de uva
com paladar traquina

e regresso à escola
aos pátios antigos
ao rola que rola
de bons amigos.

Haja cerros
anharas e chanas
e queimem-se erros
em foguetes sem canas.

Na Manhã Seguinte

Na manhã seguinte
com a magia de sol de reses
e de lã nas palavras
noticiava-se às sombras das ruas
e aos quintais de goiabeiras

a passagem de um Rei

e houve semba nos festejos
e romance à beira dos rios
e do sol misturados fios
deram luz aos desejos

e ainda hoje marejadas
estão as árvores de folia
e esse enfeite contagia
as telhas mais geladas

à lembrança de um Rei

e é bom vê-las
em Maconge como estrelas.

Não Chove, não há Vento

Não chove, não há vento:
engalanou-se o ar em Aveiro.
Tem o Olimpo o intento
de dominarmos o mundo inteiro.

Não ir a uma Ceia

Não vou mentir,
nestas coisas não o faço,
mas choro por não ir
e mais choro quando abraço.

É o meu ser
que não sabe se despedir:
em cada abraço vejo-me perder
a pérola que acabei de pedir.

Não me Calo!

Não me calo!
Digam o que disserem,
Maconge é um embalo
para os que o quiserem;

os que desdenham,
estão naquela fase
em que ordenham, ordenham
e nem lactose nem lactase:

apenas uma coisa descolorida,
uma fedorenta catarse,
uma sombra sem vida
e sem jus por base.

Não te rales Maconge

Não te rales Maconge
mesmo quem te diz friamente
diz oiro-mel de sol
e raízes ternamente

e não consegue disfarçar
o que sabe da paisagem
com a mente erva de viagem
entre a floresta e o mar

por isso Maconge
tu és todo e qualquer lugar
onde vás onde estejas
há o berço em teu olhar

há uma Capa que te cobre
há uma saudade nobre!

No Olhar das Maconginas

É este tempo imutável
de olhar jovem e radiante,
esta luz palpável
de um ontem esfusiante
que ajuda a explicar
de Maconge o encanto,

e no entanto...
sucedem-se eclipses
e estrelas se ausentam,

mas vincam-se elipses
em faces que fermentam
o ardor das capas
e a sede dos passos
do suave tempo da adolescência,

das pedras garridas
e serpentinas de raparigas
-- marés do destino
não adormecidas --,

esse tempo gemido
de luar de guitarras
e de janelas perfumadas
é Maconge.

Num dia Soturno

Num dia soturno
soube do mistério
de um sol noturno
e múltiplo num império

um sol espelhado
em negras capas
vezes e vezes cantado
por regaços de capas

único e plural
ardente e moldado
por guitarra seminal
em favos de fado

soube então
o segredo do derramar
do sol no coração
de negras capas ao luar.

Num Encontro Macongingo

Num encontro macongingo,
que boca e que olhos,
que ouvidos e que alma,
que sentidos os meus,
não empregue em meus braços
que não tenham a frescura
dos verdes instantes do Bambu?!
O fermento das noviças horas
no pão da amizade?!
Os primeiros dias, sempre primeiros,
perpetuados nas áleas de um Reino,
quão grande quanto a imaginação?!

Sempre... sempre,
por voltas que o sol recuse à terra,
daquele forno, o pão,
é exaltação da luz no lago da amizade
e de ventos de rios com verão na alma,
e ninguém,
ninguém que cante esta foz,
deixará que dia algum esta voz
não vá sempre mais além!

Numa Ceia de Maconge

Juntos, somos
erupção de um planalto
nas vozes em espirais,
e o luar é lume alto
na lava dos comensais,

e, com aquele gosto
de palavras de sol
mastigadas noite fora,
vivemos Maconge.

Assim a paz de uma efusão,
o tumulto da emoção.

Nunca era um Sítio

Nunca era um sítio
sem aroma a fantasia

a chuva secava
o sol escurecia
a lua amuava
e a floresta não luzia

era tudo pachorrento
sem mistério encantado
e de olhares sem vento
naquela ilha sem lado

era vida e morte
numa utilidade sem longe
até D. Caio lançar a sorte
da fantasia de Maconge

e construir a ponte
para lá do horizonte.

O Bambu, Majestático e Sideral

O Bambu, majestático e sideral
à volta do qual gravitou a Academia
fomentou um marginal
pensamento que contagia

e Maconge aí está
décadas e décadas volvidas
terra de faces renascidas

e o sol continuará
a gravitar o Bambu
filho como eu, como tu!

O que Faço

O que faço
não interessa
sem o teu abraço

e esta promessa
quando aconteceu
Maconge nasceu.

O que já Disse

O que já disse
sobre ser macongino
não é água de pieguice
nem vento jacobino
nem farinha de Entrudo

são na verdade
palavras de veludo
verbos de necessidade.

O tempo Passa

O tempo passa
e envelhecemos
e na Ceia, por graça
rejuvenescemos.

Não faltes
vem
e saltes ou não saltes
far-te-á bem.

Obrigado D. Caio e D. Inês

Foi em sessenta e dois
que um loirinho peludo
me pareceu monstro de entrudo
-- em meu pavor eram dois!

-- "Anda cá, caloiro!
Vais levar uma careca
para que a tradição se não perca
e o sol seja mais oiro!".

Pegando na tesoura,
mindinho em riste e solene,
sulcando a alfaia como leme
de uma paixão duradoura,

ali, nas enfeitiçantes escadas,
cascata da alma do Liceu,
sabeis o que me aconteceu
depois das virgens crinas cortadas?

O sol entrou áureo pelo postigo,
e as capas negras eram gargantas
que o medo espantaram às tantas
no abraço de um novo amigo.

E foi aí, na nascente do Rio,
que é Mar e Terra e entra no Além
e é força e forte ternura também,
a Academia a que me confio,

que conheci Maconge e o fado,
o ouro profuso da igualdade,
a eviterna luz da mocidade
e o valor de ser nada e ser amado!

Oh Quantos Ventos Quantas Águas

Oh quantos ventos quantas águas
quantas luas incompreensíveis
são núcleo em Maconge
quantas palavras mal ditas
e quantas não ditas ou esquecidas
e sonhos não tidos
e ecos não ouvidos
não por que se não compreenda
mas porque ainda não entendemos
ainda não sabemos o silêncio dos sons
onde acabam os oceanos
a dentição dos ventos
a floração das luas
nem ainda sabemos da ilusão que somos
porque água virá sobre água que foi
e da ilusão da posse para sempre
por isso me entrego ao destino
e o de Maconge está repleto de destinos
me entrego à rotação dos signos
e evoco do Bambu folhagens triviais
como as de uns Bestas amedrontados
e as de uns cabulões empertigados
sonhos que não sei se verei jamais!

Ok, Criaram o Sol!

Ok, criaram o sol!
Nós criámos Maconge
e não há quem nos enrole
nem o mais refinado monge.

Não há quem nos diga
“isso não é por aí”
ou “o vento castiga”
ou “melhor, melhor é açai” .

Nós é que ditamos
se o vento sopra ou não
e, convenhamos,
dá cá uma tesão...

Olho-vos e não Vejo Rostos

Olho-vos e não vejo rostos
vejo árvores e caminhos
e planuras e ventos
e pássaros nos ninhos

e vejo-me candengue
de arco ou de bola
e mais à frente enamorado
com quissange e viola

e os dias a reproduzirem-se
febris e imaturos
e as luas a consumirem-se
sob promessas de futuros

e a verdade verdadinha
é a dos ventos enrolados
e a alma que caminha
por lá aos bocados

ela e os meus eus
e os olhos que vejo
antigos pedaços meus
dos fogos do meu desejo.

Ontem, na Ceia

Eram pássaros da Chela,
irradiantes acácias e jacarandás,
eram a luminescência mais bela,
águas de abraços... Orixás.

Eram mar,
mas mar talvez seja pouco
para de Maconge falar,
e fazê-lo... só um louco!

Quem poderá dizer
do infinito que se transporta
quando a luz que nos faz crescer
vem no sorriso de um colega a porta?

Quem, depois de Maconge saberá
viver noutra celestial manto.
Outros mundos haverá.
Oxalá... dignos deste encanto.

Ouve Companheiro

Ouve companheiro
- imaginário e astral
não há no universo inteiro
Reino assim real

somos febre desconhecida
entre os comuns mortais
uma febre de febre nascida
onde os deuses nos são iguais

e somos a palavra
a realidade da estrada
da ficção

e nesse caminho a palavra
é luz de alvorada
argamassa e bastião.

Parte um Macongino

Parte um macongino
e com ele uma parte de nós
vai também nesse destino
porque as rendas têm nós

e em um se desfazendo
a arte se modifica
e a outro irá correndo
como fio de água em bica

e os desenhos fendidos
agarram-se aos afluentes
contando casos acontecidos
cimentando sobreviventes

que falarão do amigo
e ao vir água cristalina
dirão o que digo
- não me saias da retina

e falarão do velho leão
como só o faz o coração.

Planalto e Distâncias

Planalto e distâncias
serras dunas mar
Maconge são infâncias
que perduram a reinar

manhãs reconhecidas
em abraços de companheiros
espinho de oiro... vidas
alvoradas de cheiros

frutos que quebram lanças
que os queiram derrubar
de eternas crianças

eucaliptos que redobram
a fresca esperança no madrugal
por cada corte que lhes cobram.

Posso Dizer que és Grande

Maconge

Posso dizer que és grande
de mil anos-luz de universo
e de mil e mais mil que se ande
e ainda assim cabes num verso

posso dizer fantasias
e verdades e sonhos e o que queira
que as noites serão brilhantes dias
com o Liceu por charneira

mas se disser que te não conheço
até as formigas sabem da mentira
pois em teu hálito adormeço
e em tuas vozes meu mundo gira.

Preclaros Colegas

Agora que vos encontrei
não me deixem escalavrar
a túnica que confeccionei
ao vos abraçar:

aquele manto antigo
de olhar límpido e puro
de falar aberto e amigo
sem dogmas nem muro.

Não deixem que me esconda
na noite ou noutro lugar
a não ser que dele responda
em fado a cantar.

Vão vindo tempos do além
e à floresta do nosso viver
requestada de amor convém
outra lua renascer.

Venham comigo...
Obriguem-me a ir convosco...
O mar não terá sentido
se não nos tivermos no rosto!

Primeiro Viró-vira

O que fazemos aqui
que se não faça lá fora
num boteco ou por aí
sobre mesa canora?

O que há de diferente
numa Ceia Macongina?
Há a polpa e a semente
na protecção divina:

são os nossos
que por lá estão,
e que encurtando fossos
connosco cearão,

e é a jovialidade,
a trança das estrelas,
a frutuosa saudade
e a sede de bebê-las,

juntos
e apenas juntos.

Quando às Vezes

Quando às vezes
inesperável e fria
a noite nos cai
em pleno dia,

é bom ter um quintal
um canteiro de pura relva
um ombro de bernal
avesso à sorrelfa.

É bom ter Maconge
em pecúlio da beleza,
na malta daquele longe
que é nossa certeza,

e dizer-lhes: oiçam lá,
mandem avisos,
precisamos por cá
dos vossos risos!

Que me Serve ser Macongino

Que me serve ser macongino
se não for irreverente
e não andar passos à frente
no trilho do destino?

Que me serve
um viró-vira não bebido
se depois sou um enjerido
abúlico e sem verve?

Que me serve, digam,
se não cantar às janelas
um mar de amor por elas
e se tranças não espigam?

Que me serve
o que não referve?

Quero Maconge

Quero Maconge
como quem quer a fonte
do enamoramento
ali perto... de frente

perto e confidente
e com palavras na boca
de sol impaciente
de ser água louca

ali, onde águas frescas
têm fragância de ramos
de línguas frescas
e estamos e não estamos

e eis Maconge
o chão que dança no ar
as nuvens do meu caminhar.

Regressar, Regressar

Regressar, regressar
Maconge é um regresso
uma viagem, um processo
de amar

um inacabado chão
uma luz nos beirais
e na espuma dos ais
de tempos que já lá vão

uma goteira
do tempo, que invade
de feliz maneira
a juventude que nos sabe

e no regresso à luz entornada
está a Ceia honrada.

Rimos Para Chorar

Numa Ceia muito se chora.
Chora-se quando se ri
ao lembrarmo-nos de ti
companheiro que foste embora.

E rimos porque ao rir
voltamos ao tempo das anharas
onde a luz marcou em nossas caras
que partir é igualmente existir.

Somos assim, crentes,
no sorriso que te traz de volta
a este Reino que se revolta
ao não lembrar suas sementes.

Imenso seja este chorar,
mesmo que ninguém o lisonje,
porque engrandece Maconge
e nos há-de perpetuar.

Se eu Pudesse

Se eu pudesse
ai se eu pudesse
o chifre de olongo soprar
e a malta juntar

desde o tempo de D. Caio
até a mim, o mais catraio
aí reinaria... ai reinaria
tão saudável alegria

que o mundo, oh, o mundo
com seu triste bafo oriundo
de quantas vozes inquietantes
voltaria ao que era antes

reinação
reinação!

Se Maconge se Enraíza

Se Maconge se enraíza
de tempo e de estórias
e nos céus se eterniza
feito de memórias

oh, amigos meus
raízes de raízes
de reino sem adeus
digamo-nos felizes!

Se Morreu o Bambu

Se morreu o Bambu
logo logo vai voltar
ele tem dons de vudu
e não nos quer a xinguliar

logo logo amanhã
virá com pressa de pomba
e sabedoria de rã
ele não gosta de komba

festa é festa
não tem xinguilamentos
a morte só presta
quando não sai dos ventos

e aí a morte sempre perdeu
fica vida noutra face
um milénio que passe
e o Bambu é Liceu

e eu enquanto o Liceu sentir
venham cobras e lagartos
o Bambu vai existir
sobre mortes e injuriosos partos.

Se sou Macongino?

Se sou macongino?
Não fui mais cedo
porque era menino
e não sabia o segredo!

- "O segredo?"

Sim, as palavras santas
do fado com o penedo
e a alma nas gargantas;

os amores de estudante,
o enlevo de uma serenata,
a lua falante,

o sonho que é viver
abraçado a uma capa
e desejar assim morrer!

Ser Macongino

Ser macongino
é juntar ao lume
dos tempos de menino
algo que nos rume

a Fraternidade
a Igualdade.

Ser Macongino 2

Ser macongingo
tem menos com o vinho
e mais com o ouro fino
de abraço de ninho

vai além do nirvana
e das costas da lua cheia
pois é mar que se irmana
e luz que se enleia

é um viva que tu és eu
e eu sou tu sem demora
e assim sucede e sucedeu
desde a bendita hora

em que o Reino foi criado
e nele fui achado.

Sonho, Lenda e Fantasia!

Sonho, Lenda e Fantasia!

Eis a razão
da nossa reinação!
Não a azia

as arcas encoiradas
o despique
as águas enlameadas
de jeito Manique.

Sejamos francos!
Olhemos adiante
como panos brancos
protegendo o diamante.

Olhemos o futuro
referindo-nos ao passado
não como um muro

não como razão
de pano encharcado...
que assim se fecha o coração!

Suporto Tudo

Suporto tudo
menos aquele grito
de “Ó Malta!”.

Como rio espadaúdo
de margem de granito
o meu ser salta,

salta e rejuvenesce
e sente o que vê
para lá da espiga,

e toca e aparece
Maconge e o porquê
dessa luz antiga.

Três Coisas há na Vida

Três coisas há na vida:
a ceia macongina,
o abraço dos amigos,
e cumprir a sina
desses dois abrigos.

Um Dia

Um dia,
no intervalo daquelas horas
em que a malta se reunia
a ver passar as amoras
alguém disse o que devia:

“E se fôssemos à Royal
ver a velha rapaziada,
sempre podia coisa e tal
calhar-nos uma feijoada
e uma noite fenomenal!” .

E lá fomos, trigueiros,
sem capa e sem guitarra
aonde o céu juntou cheiros
ao Reino que amarra
para sempre companheiros.

Recebidos como iguais,
comidos e bebidos,
lá para os madrigais
ouvimos reconhecidos
juras joviais,

até hoje cumpridas,
muitas vidas vividas.

Um Dia com o Soba

Ao António da Silva Carvalho (Necas)

Ao José António Freire (Cabéças)

Um dia destes
desfrutando da companhia de um Soba
ouvi risos que vagueiam desde antes
percorri picadas, anharas e instantes
bebi palavras pintadas de bela obra!

Foi mero acaso
juntou-se a sabedoria de bem dizer
à felicidade de noutros olhos recordar
outros tempos, amizades, outro mar
os cheiros, o sol e à lua rejuvenescer!

E à noite
quando fomos a Maconge
a uma Ceia de Estudantes
vi tudo... como era antes
senti tudo... daquele longe!

E vi os olhos do Soba brilhantes
das traquinices mirabolantes!

Uma Vez por Outra

Uma vez por outra
têm as capas sustento
e as violas juramento,
mesmo com vento contra.

Encontram-se vozes nas recordações,
desfolham-se águas e penedos,
saboreia-se a ambrósia dos segredos
outra vez ditos como visitasões.

Assim se recria e recostura
o manto do Reino nas Ceias,
se fortalece rendadas teias
nas quais Maconge perdura.

É, passam anos e marés,
os olhos não modificam,
a chama é dos que acreditam,
o Reino é de lés a lés.

Uma Ocasão

Uma ocasião
estava a violeta fechada
mal era noite chegada
e já luzia um violão
já suspirava um cantor
e suspiravam os restantes
nesse modo dos estudantes
serem alegria em névoas de dor

era uma ave que num jasmim
tinha pousado enfeitada
linda luz sonho alvorada
no Liceu não havia outra assim
e foram serenatas
e conversas no Bambu
oh coração nu coração nu
de quantas mil águas te atas
e os dias foram passando
e não houve Ceia que se não falasse
e não houve guitarra que se calasse
por um macongino amando

e não há lua não há lua
que não seja nossa
para que Maconge possa
ser luz e falua.

Único e Imperfeito

Maconge tem a desdita
de ser espelho da sociedade
e de ser a aura mais bonita
fecundada no seu berço-cidade.

Único e imperfeito
e belo e particular
é sol de sonho e efeito
difícil de igualar

um mar sem chão
um chão sem mar
razão da comoção
clarão sem trovejar.

Vai Haver Ceia

Eis que o olongo geme
e as ondas repassam
repassam e enlaçam
estórias ao leme
da reinação:
de um tempo já longo
que volta ao coração
nesse chifre de olongo.

Vai haver Ceia...
Alguns casos se irão narrar.
Alguma estória de baleia
no planalto a planar
com tal verosimilhança
que quem não acreditar
deixou de ser criança
e deu em marrar.

Vai haver Ceia...

De Profundo Sonho

De profundo sonho
mais que o mar
tem o ideal macongino
a dimensão estrelar

e o que aconteceu
de melhor melhor
foi o universo ficar maior
por causa do Liceu

e hoje de toda a Huíla
das suas árvores de ensino
há folhagem que xinguila
por esse céu sem destino.

Em Maconge o Mandamento

Em Maconge o Mandamento
é não haver seiva que se corte
é navegar o vento
é a não vocação para a morte.

Aqui não é preciso cristal
nem ramo de talher completo
basta-nos vidro normal
e o sonho por objecto

e sendo sempre juventude
seguimos o plano das raízes:
não se alimenta a solicitude
de valorizar crises.

D. Olavo - O Bom

Que nome daremos ao vazio
quando ele é uma caixa lotada
de palavras e gestos de estio?

Que nome daremos ao dia
quando for fonte esgotada
de já se não ver quem se via?

Eis a fome que fica
roendo sílabas de orvalho
suspensas de estórias em bica.

Eis as palavras que teremos
a crepitar no borralho
das que não diremos.

Que nome daremos então
que o ausente não seja Estação?!

17/03/2016

Dói, Claro que Dói

Dói claro que dói
partiste para parte incerta
e agora a roda que mói
mói areia descoberta

ficou tudo destapado
das serras aos açudes
ao pão amanteigado

pode ser que nos mudes
e daí do Olimpo
venham sedes de garimpo!

O que Dói é o que não Dói

O que dói é o que não dói
a branca que haverá
se alguém te esquecer

isso é que mói
saber se a nuvem virá
com mentes de roer

porque aí ficarão doridos
no mundo que alimentaste
rios e rios ofendidos

e se há sonho que se gaste
não é este certamente
o de Maconge de Brava Gente.

Maconginos e maconginas

Maconginos e maconginas,
Maconge é maior que eu,
maior que todos assim nasceu,
maior que capas e batinas.

Estamos em eleições
e como manda a lei
haverá Vice-Rei
para doutores e cabulões.

Sou pela tradição
mas não sou tradicionalista,
por onde me anda a vista
anda gosto a ebulição,

e como fui criado assim,
entre o rebelde e o remanso,
até gosto quando danço
de manjerona e alecrim.

Por favor, por favor,
não votem com ar
de quem sabe que o mar
não muda muito de cor,

e lá para o fim do dia,
havendo melões nos campos,
que não haja a gelosia
de que enfermam os pirilampos.

Liberdade

Liberdade,
liberdade,
até tu estiveste
quase a virar peste.

Obrigado Fundadores,
por vossa graça tive dores
de ver sombrios destinos:
até pedras seriam Maconginos.

A lua andou verde
com a fome desmedida
e a insaciável sede
de a quererem reprimida.

Felizmente estavam atentos.
Obrigado, ó Fundadores!
Controlaram-se os ventos,
restaurados estão os valores.

Diferentes, muito diferentes,
foram as armas,
mas vingaram as sementes
e a luz dos carmas.

O adversário era forte,
mas venceu o bom censo,
não há feridos de morte,
há de novo MACONGE IMENSO.

18/06/2016

Tenho três Rios

- Tenho três rios, no meu rescaldo das eleições:
- Um, que foi direccionado, que lhe apertaram as margens e acabou sumido nas areias do luar contemplativo. Rio alegre como o chilrear dos pássaros na alva;
- Outro, que sempre quis ser rio grande e acabou no palmeiral antes da foz, onde gestos de entrega moldam sonhos e a frescura convida a ouvi-lo;
- E um outro, que não queria ser rio e rio desaguou, e agora o mar olha-o com esperança de nutriente e de vento de bombordo.

Três rios, três sonhos, três alvoradas.
Três taças de viró-vira.
Três acordes de lira.
Três margens de boas estadas.

Não sei dizer nada de superlativo ou especial. Apenas o meu reconhecimento pelo vosso empenho e esperança em Maconge. Por alimentarem o sonho, para que eu possa dormir de janela aberta e, entre luares de maçãs, tenha margens seguras.
Bem Hajam!

E agora?
Agora, mãos à vida!
Maconge não tem hora
nem frase de despedida!

Maravilhoso e perturbador,
este lugar no universo,
precisa de todos por autor:
cada um com seu verso.

GINGA MALAIA,

21/06/16

Crónica da Gesta Macongina

Majestade, do que vos direi,
não me pergunteis como o sei,
mas dai o conhecimento de quem vê
e confirmai-o por vossa mercê,
agora que heis chegado à cadeira
da fértil alva da nossa eira.

Eis as razões e as revelações
depois de voltas e voltas por mil sertões:

Para lá do Reino, só há terra árida,
pedras e mais pedras aos montes,
e nada, nada nasce das pedras,
nem sombras, nem secas fontes,

não há uma árvore ou arbusto
ou um enigmático fóssil,
e mais ainda digo, sem ser injusto,
nem céu há, amargo ou dócil,

quem lá vive, tenho notícia,
são mamíferos aborrecidos,
e respirar é de tal sevícia,
que uns dos outros são foragidos.

Tudo por lá é uma maçada,
o vento é oco e estático,
não há nada, nada, nada,
até o silêncio é traumático,

é um existir sem existência,
vento que corre e não se conhece,
para lá do Reino só a evidência
da noite que não amanhece.

Para lá do Reino, Majestade,
o que há não deixa saudade.

Ceia de Santo André, 25/06/2016

Site do Reino Maconge

Vou contar-vos um segredo:
às vezes passo por aqui,
leio-vos e faço um enredo
com os ocres de onde vivi.

Não digo nada,
fico lendo e lendo,
e a cara, muitas vezes molhada,
vai absorvendo

nuvens, chão, energia,
e volto a ler e a ler,
porque contagia
e me não deixa desfalecer

a saudade
enquanto pura alacridade.

Não Tenho Justificação Válida

Lendo “Mensagens” do Reino de Maconge
e nada escrevendo, explico-me.

Não apareço porque...

Não tenho justificação válida
que possa a minha falta diluir,
senão a arriba de uma vontade pálida
que não consigo reduzir,

senão um incêndio de giestas
onde queimo a vontade de festas,

para onde a mão joga
o trigo de algum desejo,
essa própria mão que em despejo
me lança numa piroga

para ondas de rumos
revoltas de fumos
longe de quem
mais me sinto bem

e é só isto,
esta paixão que trago
por Maconge... por vocês,
que se torna estrangeira e fugitiva
e fugitiva parte sem candeias
por vales de sombras só minhas
ou não parte e aflitiva
é a leitura uma e outra e outra vez

das estórias e mexericos
e não saio deste anel
desta preciosa água-mel
fonte Real de manjericos.

Vasco Homem

Vasquinho

Agora, os dias
terão a cor da tua ausência
e o degrau das noites
o mistério em essência

a saudade virá matinal e resistente
e a luz chegará aos ramos em fadiga
e o teu gesto de óculos insistente
já não terá águas de palavra amiga

mas as recordações continuarão
por onde o teu rosto andou a pulso
e as aves para lá de longe levarão
o rumoroso azul do teu impulso

e tu, à terra que te afaga
diz-lhe o bálsamo e o mais que possas
desta amizade e desta saga
por céus e memórias nossas

e diz ainda meu amigo
que depois diremos contigo.

Gostaria de ter ficado até ao fim

Gostaria de ter ficado até ao fim
até o amargo da terra se transformar
na amizade que havia por mim

e com ela saudar
quem as mãos já não apertam
e de saudades se desconcertam.

Uns, de um Promontório

Uns, de um promontório,
desvirginaram oceanos,
e outros, de um Bambu,
revirginizam antigos anos,

e a nossa, ó Glória,
é maior Vitória.

Vendo Bem

Vendo bem
vendo à distância
vendo quem se não vem
vendo com constância

até que me não saí mal
do encontro de colegas
embora diga o jornal
que andei às cegas.

Pudera
mais de trinta anos passados
a cara já não é o que era
e os cabelos de tão cansados

rareiam
ou esbranquiçam
e nada mais semeiam
senão neurónios que enguiçam.

Venham Todos

Venham de parte incerta
os vossos espíritos, companheiros,
tragam à Ceia a coberta
que nos distingue altaneiros.

Vinde à caldeirada,
ao ungido tinto e ao fado,
que sem vós a rapaziada
perde o norte por todo o lado.

Tragam mais um
que os daqui vão faltando;
o Reino é cada um
e todos juntos reinando.

Não vos chamo por chamar:
faço-o embevecido!
Ao Reino só lá sei chegar
na história que haveis tecido.

Venham todos! Ninguém
neste reino está aquém!

Vieram Todos os Animais Terrestres

Vieram todos os animais terrestres
mais peixes e seres mitológicos
e interessados de centros pedagógicos
de cartola e peculiares vestes

à pergunta de um tal unguento
disseram-lhes assim se chamar
o visgo do modo de reinar
e a mácuca do nosso pensamento

ouviram falar de capas e Ceias
e trovas por onde doirados trigos
alimentam abraços amigos

e souberam da juventude nas veias
dessas por onde Maconge corre
e se perpetua porque não morre.

Vinde Sedentos

Vinde sedentos
aonde o sol irradia
e se vence a azia
com especiais fermentos

onde o riso estrala
como foguetes em arraial
e se é especial
só por se estar na sala

onde se zomba
de nós e dos demais
e há pontos cada vez mais
nas estórias de arromba

vinde que não sabeis
onde acaba esta corrida
e começa outra divertida
e de que papeis!

Vou a Maconge

Vou a Maconge sem dar por isso
- estou sempre em Maconge,
preso a seu feitiço,

a seu vento sem asas,
chamamento de casas,
pedras negras do Liceu
e capas negras do meu eu.

Não é muito o que disponho,
porém é muito vivo o sonho:

simples e grande,
ainda agora
se expande
com quem vai embora.

Maconge tem dentro
um passado que freme,
a amizade por centro
e a lenda por leme;

é um mar de sinal
que D. Caio nos deu,
uma vaga universal...
um Reino... muito meu!

Vou a Maconge, e o que Encontro?

Vou a Maconge, e o que encontro?
O que trago na alma e admiro:
a terra da minha mocidade
que do olhar dos colegas retiro.

A fantasia não tem mais ontem
o futuro está aqui... é hoje
nas estórias que se recontem
nas memórias que fazem Maconge

e o enlevo é estar na idade
que sobrou dos tempos de à pouco
renovando-os com naturalidade

e saber que lá fora não acabará
o encanto real deste Reino louco
e que meu coração doutros germinará!

O que Posso Dizer dos Idos Anos 39

Eis que os animais
e as árvores e os rios e os mares
e as montanhas e as selvas e a neve
e as estrelas e os planetas no seu jogo
já existiam porque existiam...

Então que posso dizer dos idos anos 39?
Que o mundo já estava formado,
porém incompleto e imperfeito:

- faltava orientar os ventos
dos caloiros e das bestas tresmalhadas;

- faltava a dignidade de umas escadas
anfitriãs de serenatas e de julgamentos,
e dos ecos de um sino rouxinol;

- faltava a majestade nuclear
de um sonho retirado do Maravilhoso
e dos céus do Fantástico
e do caminho das impossibilidades;

- faltava desafiar o olhar para além
da modorrenta tentação das palavras,
e na telúrica noção de voar,
o corte dos galhos da hesitação;

- faltava um sonho de corpo verdadeiro,
real como os mistérios da vida,
de carne e sangue e espírito desconhecido,
com a geleia dos dias da amizade
a refazer-se em cada abraço de saudade;

- faltava um vento que sustentasse
daqueles dias de vogais de espanto
a comunhão de ir às fontes,
à pureza do lume das estrelas.

E é neste ir descalço às fontes
que chegamos aos 80 anos,
aos primeiros dias do sonho,
à ambição da Fraternidade,
às razões da Solidariedade,
à paixão da Igualdade,
à realeza do Maravilhoso,
ao que somos em sendo
o horizonte da vontade
o vértice da ousadia

Maconge
este Reino que existe
para além da existência
inigualável Maconge.

19 Janeiro 2019 - Ceia de Alte